

EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM TEMPOS DE BARBÁRIE: QUESTÕES SOBRE OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO

INCLUSIVE EDUCATION IN TIMES OF BARBARISM: QUESTIONS ON THE CHALLENGES OF REMOTE EDUCATION

EDUCACIÓN INCLUSIVA EN TIEMPOS DE BARBARIE: CUESTIONES SOBRE LOS DESAFÍOS DE LA ENSEÑANZA REMOTA

Rosangela Costa Soares Cabral¹

Joana da Rocha Moreira²

Allan Rocha Damasceno³

Resumo: Discutir sobre os impactos do ensino remoto é um grande desafio, maior ainda perante a especificidade do público-alvo da Educação Especial, que por intermédio das lentes da Teoria Crítica, foi usada como suporte teórico para estabelecer um panorama crítico sobre a realidade. Buscou caracterizar as discussões através das leis atuais, em vista a proposta do ensino remoto com relação ao atendimento das demandas educacionais e pedagógicas e refletir acerca de sua implicação na inclusão desses estudantes no atual contexto de perdas, sobremaneira sobre o direito à educação formal. Como procedimentos/instrumentos metodológicos, foram utilizados a análise documental referente às políticas públicas inerentes aos ambientes virtuais de aprendizagem, além de sua concepção, implementação e refletir acerca da formação de professores e sua implicação na inclusão de estudantes público-alvo da Educação Especial. Os resultados desta investigação revelam que a escola está caminhando para uma proposta tecnológica de inclusão digital, mas com muitas fragilidades, fazendo com que a luta constante por uma escola inclusiva/democrática, seja real contra a exclusão e a barbárie.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Educação Inclusiva. Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Abstract: Discussing the impacts of remote education is a great challenge, even greater given the specificity of the target audience of Special Education, which through the lens of Critical Theory, was used as a theoretical support to establish a critical panorama about reality. It sought to characterize the discussions through the current laws, in view of the proposal of remote teaching in relation to meeting

¹ Mestra em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), UFRRJ. Seropédica – RJ. Atua na Educação Básica nos Municípios de Belford Roxo/RJ e Duque de Caxias/RJ. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7702-7568>. E-mail: rosangellacabral@gmail.com.

² Mestra em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), UFRRJ. Seropédica – RJ. Atua na Educação Básica no Município de Duque de Caxias/RJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3677-8223>. E-mail: joanadarochamoreira@gmail.com.

³ Doutor em Educação pela UFF. Atua no Departamento de Educação do Campo, Movimentos Sociais e Diversidade (DECAMPD), Instituto de Educação, UFRRJ. Seropédica – RJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0577-805X>. E-mail: lepedi-ufrrj@hotmail.com.

the educational and pedagogical demands and reflect on their implication in the inclusion of these students in the current context of losses, about the right to formal education. As methodological procedures/instruments, we used document analysis regarding public policies inherent to virtual learning environments, in addition to their design, implementation and reflection on teacher training and its implication in the inclusion of Special Education target students. The results of this research show that the school is moving towards a technological proposal of digital inclusion, but with many weaknesses, making the constant struggle for an inclusive/democratic school, be real against exclusion and barbarism.

Keywords: Remote Teaching. Inclusive Education. Virtual Learning Environments.

Resumen: Discutir sobre los impactos de la enseñanza remota es un gran desafío, mayor aún ante la especificidad del público objetivo de la Educación Especial, que por intermedio de las lentes de la Teoría Crítica, fue usada como soporte teórico para establecer un panorama crítico sobre la realidad. Buscó caracterizar las discusiones a través de las leyes actuales, en vista de la propuesta de la enseñanza remota con relación a la atención de las demandas educativas y pedagógicas y reflexionar acerca de su implicación en la inclusión de esos estudiantes en el actual contexto de pérdidas, sobremanera sobre el derecho a la educación formal. Como procedimientos/instrumentos metodológicos, fueron utilizados el análisis documental referente a las políticas públicas inherentes a los ambientes virtuales de aprendizaje, además de su concepción, implementación y reflexión sobre la formación del profesorado y su implicación en la inclusión de los estudiantes público-objetivo de la Educación Especial. Los resultados de esta investigación revelan que la escuela está avanzando hacia una propuesta tecnológica de inclusión digital, pero con muchas fragilidades, haciendo que la lucha constante por una escuela inclusiva/democrática, sea real contra la exclusion y la barbarie.

Palabras-clave: Enseñanza Remota; Educación Inclusiva; Ambientes Virtuales de Aprendizaje.

Introdução

Grandes são os desafios postos para a construção do ensino remoto no momento em que toda a educação precisa se adaptar a nova realidade, o que inclui os docentes. O mesmo acontece com os estudantes, que acostumados com o ensino presencial, se vêem diante de uma tela de computador, precisando se encaixarem ao novo modelo imposto devido à pandemia de Covid-19⁴ que assola o planeta, porque a Portaria, Nº 343 de 17 de Março de 2020 autoriza a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19.

Diante disso, temos um público que demanda atenção mais diferenciada, mais atenta, que é o Público-Alvo da Educação Especial (PAEE). São pessoas que precisam de um olhar pormenorizado, já que de acordo com suas especificidades, precisam de intervenções e uma

⁴ Segundo o Portal covid.saúde do Ministério da Saúde, atualizado em 01/03/2021, no Brasil foram 10.587.001 casos confirmados de Covid-19, com 255.720 óbitos. Total acumulado desde o início da pandemia em fevereiro de 2020. Link: <https://covid.saude.gov.br>.

atenção diferenciada para que seu desenvolvimento cognitivo, social e mental seja de fato efetivado.

A pandemia pegou todos de surpresa e as escolas procuram fazer o melhor para atender seu público, cabendo averiguar se todos e todas sem exceção estão recebendo o devido atendimento, pois “[...] a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2009, p. 11) e a partir desta frase tão impactante, que a escola procura através desse mundo globalizado e antenado, buscar estratégias para atender seu público, incluindo seus estudantes de maneira que todos e todas sejam atendidos em suas demandas sociais e educacionais.

Cientes de que estamos em meio a uma pandemia e em um dos países que a Covid-19 leva mais vidas, precisamos discutir o que houve de negligência no atendimento remoto, diante do fato da grande importância do ensino presencial para todos os estudantes e refletir sobre possibilidades para este momento, já que estão diante de uma barreira que os impede de ter a presença física do docente como aliado no processo ensino-aprendizagem. Adorno reitera que (2012, p. 77) “[...] se o conteúdo da transmissão é ou não é moderno, se corresponde ou não a uma consciência evoluída, esta é justamente a questão que demanda uma elaboração crítica”.

O artigo está baseado na teoria crítica de Adorno e terá como questão central, compreender de que maneira o ensino remoto vem atendendo o PAEE, historicamente segregado, através de um ensino que vem se apresentando exclusório.

362

O Ensino Remoto e o Público-Alvo da Educação Especial

O PAEE e as dificuldades do ensino remoto mostraram-se como um grande desafio diante das especificidades desses estudantes, que em sua maioria demanda atenção especial tanto na sala de aula do ensino comum quanto no Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Enquanto docentes e responsáveis buscam estratégias para preencher as lacunas deixadas pelo distanciamento social, esses estudantes tentam de alguma forma se adaptarem à essa nova realidade. Mas como adequar às atividades presenciais ao ensino remoto? Como proporcionar ferramentas e apoio pedagógico à distância? Todos os estudantes dispõem das ferramentas necessárias? Que materiais podem ser desenvolvidos para a efetivação da aprendizagem?

Os docentes sabem que o ensino remoto está infinitamente aquém de todo o trabalho pedagógico realizado presencialmente, que muitos estudantes sequer têm acesso às atividades disponibilizadas via internet ou material impresso e os responsáveis na maioria das vezes precisam fazer o papel do professor, sem ter o conhecimento técnico, sem ter tempo, vontade e/ou engajamento para que esses estudantes desempenhem as atividades propostas, acrescentadas aos afazeres trabalhistas e domésticos, transformando drasticamente a rotina das famílias. O mesmo ocorreu nas residências dos professores que passaram a atuar de casa com acúmulo de funções. Tem-se essa demanda de preocupações diante de todos os estudantes e mais particularmente com os estudantes PAEE. Rambo (2020, p. 107) reforça que,

O isolamento social das famílias e da sociedade, permitiu perceber que para a superação da doença, das dificuldades, da pandemia, da crise da Covid-19 e, de inúmeros outros problemas dela decorrentes, não adianta falarmos em “superação da crise” se não pensarmos e nos responsabilizarmos pelo conjunto da sociedade.

O mais preocupante é que os conteúdos *online* exigem muita concentração e maturidade, pois o ambiente em que o estudante está inserido não é a sala de aula, o que exige um esforço sobremaneira. As estratégias que o docente lança mão para ensinar cada conteúdo, vão além de uma aula expositiva feita através do ensino remoto, assim como há limitações nas trocas entre pares.

A grande preocupação é sobre a inclusão desses estudantes PAEE, pois no dia a dia das escolas vê-se uma segregação tamanha desse público, que vem se acentuando diante de um ensino em que os estudantes estão em isolamento social. A invisibilidade para com esse público se torna latente. Será que as redes oficiais de ensino se preocupam em dar atenção a esse público? Quais políticas educacionais estão ocorrendo para evitar essa exclusão? Segundo o Parecer CNE/CP nº 11/2020, que trata de orientações educacionais para a realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da Pandemia (BRASIL, 2020, p.4),

Em qualquer caso, deve-se considerar a necessidade de oferta de AEE, para todos os estudantes com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades ou superdotação, durante e após essa emergência sanitária, com acolhimento inclusivo, com disponibilização de profissionais qualificados para atendimento especializado, acessibilidade curricular, metodologias adequadas, materiais didáticos próprios, tecnologias assistivas, além de todos os cuidados sanitários e de saúde que atendam às singularidades de cada aluno, para enfrentamento dos riscos de contágio com a covid – 19.

As redes de ensino precisam garantir condições para que as escolas prepararem conteúdos e estratégias para atender o PAEE, o professor da classe comum que tem em sua turma algum estudante incluído, necessita adaptar metodologicamente suas atividades e dar um atendimento diferenciado para que a inclusão mesmo que remotamente, seja uma realidade presente na atual proposta de ensino, ou que ao menos se minimize a segregação, porque em tempos de exceção a exclusão se torna ainda maior. O desaparecimento desses estudantes, assim como sua presença silenciada, deve ser vista com atenção, porque os “problemas são ocultos, sobretudo, na medida em que parece haver soluções para todos esses problemas” (ADORNO, 2012, p.84) E quando não há adaptação, o que fazer? Que ferramentas serão lançadas mão?

Os Desafios dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA)

Lançar mão dessa ferramenta é o possível em meio à pandemia, mesmo que seja perceptível que as aulas *online* não contemplem plenamente os estudantes PAEE, devido aos seus formatos e propostas. Sabemos que esses estudantes demandam um tempo diverso, adaptações metodológicas nas atividades, um olhar diferenciado por parte do docente. Como não é plausível colocar vidas em risco através da educação presencial, então é preciso encontrar a melhor maneira de atendê-los neste cenário pandêmico, através dos ambientes virtuais de aprendizagem.

Os currículos escolares precisam se adaptar à nova realidade e vê-se a necessidade da obtenção de metodologias ativas de aprendizagem, para dinamizar o trabalho docente. O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é um aliado à reinvenção da sala de aula, “[...] é mais que transferir o conteúdo para um módulo digital” (PEREIRA, 2020).

Os desafios são incontáveis, porque para a maior parte do PAEE, “[...] é sabido que muitas vezes necessitam de recursos e de mediações diferenciadas, com adequações metodológicas que auxiliem no processo de ensino/ aprendizagem” (FRANCO e FRANCO, 2020, p.183) e que precisam ocorrer de forma síncrona. Porém, as plataformas de atividades costumam ser elaboradas de forma assíncrona para que os estudantes as realizem no melhor horário. Durante as transmissões síncronas é preciso garantir espaço para as colocações de todos os estudantes o que leva a um tempo maior, porque existem as ferramentas que

precisam ser manuseadas e conseqüentemente, exigem mais paciência de todos os envolvidos, além da necessidade de uma internet de qualidade para que não ocorram oscilações.

As Questões do Ensino Remoto

A pesquisa sobre os impactos da pandemia de Covid-19 na escolarização do PAEE foi realizada em uma escola da Rede Municipal de Educação na Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro no ano de 2020, através de *Formulário Google*, onde lecionam vinte professoras e houve a devolutiva de oito respostas. Alguns participantes que não responderam explicaram que se encontravam sobrecarregados de trabalho e/ou desestimulados a participar de pesquisas. Todos assinalaram positivamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponibilizado no formulário, assim como entenderam os objetivos e concordaram com a participação voluntária.

As primeiras impressões recaíram sobre a compreensão dos sujeitos do estudo e o público-alvo da Educação Especial (PAEE). Todas as participantes da pesquisa são docentes do sexo feminino, possuem Ensino Superior e especializações na área da Educação. Somente uma docente possui Mestrado em Educação.

Quanto à atuação na escola, seis atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma na Educação Infantil e uma na Classe Especial em que atende todo o PAEE matriculado na Unidade Escolar. A atuação dessas docentes com esse público ocorre da seguinte maneira: cinco professoras têm em sua turma dois estudantes; duas professoras têm em sua turma um estudante; a professora de Classe Especial atende seis estudantes. A tabela 1 explica a composição do público-alvo atendido.

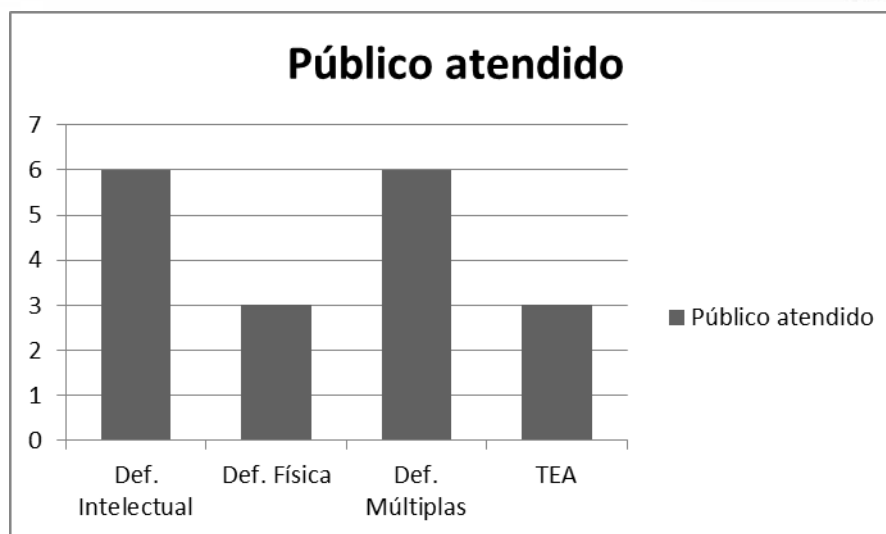


Tabela 1 – Público-Alvo da Educação Especial atendido pelos docentes

Quando perguntadas como avaliam seus estudantes PAEE no geral, a maioria, seis docentes, responderam que eles têm condições muito inadequadas para estudo, sem equipamento e/ou sem acesso a internet. Uma docente respondeu que seus estudantes têm condições razoáveis e conseguem fazer boa parte das atividades e a outra docente relatou que seus estudantes têm condições ruins e apresentam muitas dificuldades em realizarem algumas atividades.

Tais relatos demonstram a dificuldade desses estudantes terem acesso às atividades, deixando evidente que a inclusão no ensino remoto tem falhas, o que é previsível, visto não haver indicação para esse formato de ensino no atendimento a esse público específico, assim como não há investimento e valorização na área. Além disso, ainda tem a indisponibilidade de acesso aos meios de comunicação para realização das atividades propostas através do AVA. Adorno (2012, p. 93) reitera que,

Seria preciso estabelecer um planejamento comum adequado entre os setores que se encarregam da programação para as minorias qualificadas e os responsáveis pela programação para o grande público, discutindo os problemas, inclusive sociológicos, que se apresentam neste plano.

Esse pensamento leva à reflexão sobre os moldes do ensino remoto colocado à disposição do PAEE e quais estratégias serão dispensadas para efetivar o processo ensino-aprendizagem, considerando as especificidades de cada estudante atendido. Outra questão investigada numa probabilidade de detectar obstáculos referentes às ações realizadas pela

escola para esses estudantes, indagou-se: a Instituição em que atua tem realizado ações voltadas aos estudantes PAEE durante o isolamento social?

Nesse quesito ocorreu uma percepção diferenciada, pois 50% das docentes responderam que sim e 50% responderam que não. Percebe-se alguma inconsistência ou fragilidade no trabalho, visto que a pesquisa foi realizada em uma única Unidade Escolar. O que se conjectura é que: entre os docentes não há uma solidez sobre os conceitos da educação inclusiva; que não houve uma orientação sobre formas de adaptações curriculares junto à Equipe Técnico Pedagógica (ETP); e que a unidade escolar apresenta fragilidades no conceito de escola inclusiva. Porém, as afirmações só podem ser feitas mediante aprofundamento em futuras pesquisas.

Ao serem questionados sobre terem recebido alguma orientação de órgãos superiores para realizar atividades no isolamento social para o público em questão, a tabela 2 demonstra a incipiência quanto a esta oferta.

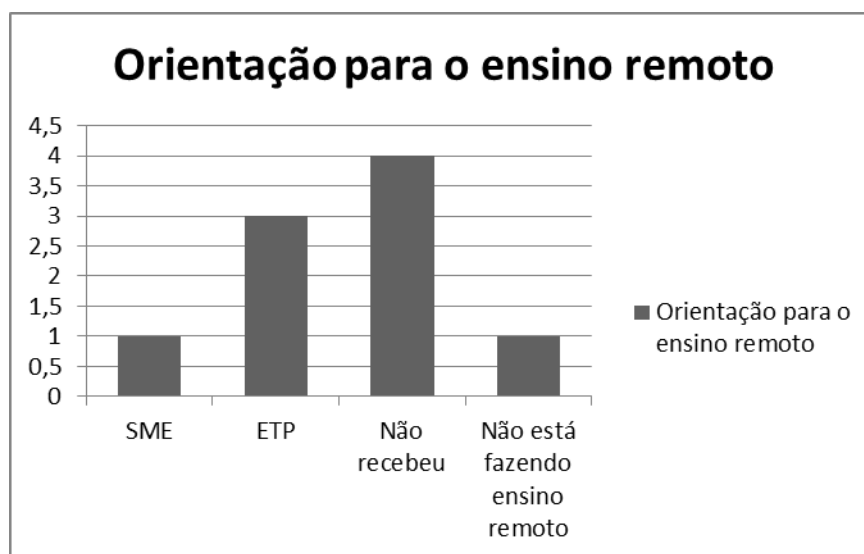


Tabela 2 – Orientação sobre o ensino remoto.

Ao observar esta tabela, percebe-se a fragilidade dos docentes diante de uma falta de implementação de políticas no município inerentes ao atendimento desse público especificamente, deixando-os fragilizados e excluídos do contexto educacional, inserindo uma lacuna para que esse atendimento não seja realizado de maneira efetiva. O Parecer CNE/CP nº 11/2020 (BRASIL, 2020, p.8) orienta,

Que os sistemas de ensino federal, estaduais, distrital e municipais busquem e assegurem medidas locais que garantam a oferta de serviços, recursos e estratégias de atendimento aos estudantes da Educação Especial, nas escolas das redes e no Atendimento Educacional Especializado, mobilizando e orientando os professores regentes e especializados, em articulação com as famílias, para a organização das atividades pedagógicas remotas ou presenciais a serem realizadas.

Percebe-se então a fragilidade do município no que se refere ao apoio pedagógico, relevantes para que esse atendimento seja efetivado. Dando continuidade à pesquisa, questionou-se: quais estratégias de ensino têm sido desenvolvidas na sua prática nesse contexto?

Nesta questão, identificou-se o equilíbrio das estratégias visto que todas as professoras lançam mão de todos os materiais destacados na Tabela 3 para desenvolverem suas práticas no ensino remoto, através das tecnologias que possuem em sua casa.

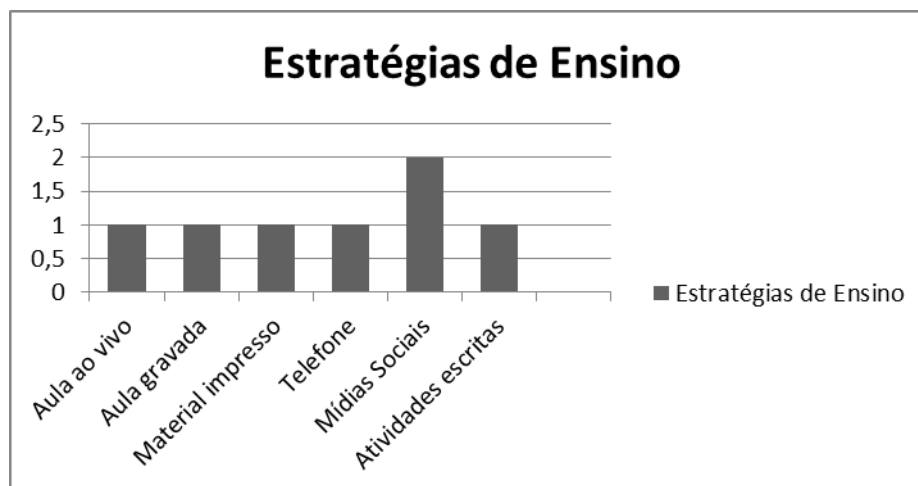


Tabela 3 – Estratégias de ensino.

Quando questionado sobre quais ferramentas, plataformas, recursos e meios estão sendo utilizados para alcançar os estudantes, os relatos apontaram para Plataforma *Meet*, *Whatsapp*, *Facebook* e *Google Forms*. É importante ressaltar que as redes sociais têm sido uma estratégia em busca da inclusão, porque além de serem ferramentas de maior domínio, algumas também possuem dados livres em alguns pacotes de internet. Então,

[...] nesse cenário incontestável de rápida mudança, a escola e a educação, por meio dos educadores, necessitam se envolver com as tecnologias e suas ferramentas, as inovações metodológicas e a realidade virtual, que por muitas vezes foi alvo de resistências. (KIRCHNER, 2020, p. 50).

Partindo desse pressuposto, perguntou-se: As atividades propostas são acessíveis para participação dos estudantes público-alvo da Educação Especial? Não surpreendendo, as respostas nitidamente, ainda hoje, notava-se a invisibilização deste público. Uma professora destacou que às vezes realiza atividades acessíveis, cinco professoras relataram que não realizam e uma respondeu que não estaria realizando atividades remotas com seus estudantes.

Essa questão mostra nitidamente que o trabalho realizado com esses estudantes é direcionado à professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE), já que é oferecido na Unidade de Ensino e, se não houver esse atendimento, o estudante fica excluído do contexto do ensino remoto. A Constituição Federal é bem clara quando diz em seu Artigo 227 que é “dever da família, da sociedade e do estado, de assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à educação [...]” (BRASIL, 1988), assim como outros direitos que facultam a relevância da inclusão, independente do contexto em que as aulas estão sendo ministradas.

Dando continuidade a essa questão, perguntou-se se utilizavam alguma ferramenta ou estratégia para garantir acessibilidade nas atividades para os estudantes PAEE, e em caso afirmativo que descrevessem. Uma docente respondeu que realizava atividades individualizadas através do *Whatsapp* explicando e adaptando-as. Outra docente explicou que coloca alguns vídeos. Essas respostas chamam a atenção, porque parecem conflitar com a questão acerca das atividades serem inclusivas para esse público, porque é bastante comum a necessidade de alguma adaptação mesmo que seja de pequeno porte.

As barreiras para a aprendizagem não existem, apenas, porque as pessoas sejam deficientes ou com distúrbios de aprendizagem, mas decorrem das expectativas do grupo em relação às suas potencialidades e das relações dos aprendizes e os recursos humanos e materiais, socialmente disponíveis, para atender às suas necessidades. (CARVALHO, 2019, p. 41).

Ao responderem sobre quais perspectivas de acompanhamento têm sido realizadas durante o ensino remoto, o que mais se fizeram presentes foram as orientações às famílias para realizações de atividades, rotinas e roteiros. Isso ratifica a importância da relação escola-família no desenvolvimento dos estudantes, que vem sendo defendida e almejada desde antes da pandemia. A forma como isso se deu, também se fez presente no planejamento dos docentes, porque a segunda questão mais comentada foi o acolhimento e vínculo com os alunos e família.

As professoras demonstraram que mesmo diante desse cenário, existe também uma preocupação com os conteúdos. Três professoras relataram que trabalham seus conteúdos de forma articulada com a professora do AEE e uma professora acrescentou, que trabalha com desenvolvimento de habilidades isoladas pensadas para o momento da pandemia. Percebe-se o engajamento das professoras em relação aos conteúdos articulados com o AEE, o que é muito importante, mas como relatado anteriormente, não houve a preocupação de adaptá-los à proposta de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), tornando essa oferta exclusória.

Adorno (2012, p.148) reitera que “[...] os homens não são mais aptos à experiência, mas interpõem entre si mesmos e aquilo a ser experimentado aquela que se chama estereotipada a que é preciso se opor.” Enfim, vive-se copiando, preso ao que já está posto, numa educação baseada em estereótipos, anulando assim a criatividade do professor que por vezes se aliena, transformando seu planejamento em um modelo horizontal, deixando de lado as articulações necessárias para contemplar todo o grupo que está sob seu direcionamento no processo ensino-aprendizagem.

Quanto à avaliação da participação e envolvimento das famílias no apoio à realização das atividades nesse período, comparado ao período anterior à pandemia, apesar dos professores estarem investindo em orientações para as famílias, eles relataram que houve uma diminuição da participação dos responsáveis neste momento. Isso pode estar acontecendo em função das reorganizações que foram necessárias por diversas situações que foram impostas pela crise sanitária. O fato dos estudantes não estarem frequentando a escola altera demasiadamente a rotina dentro de seus lares, conforme demonstra a Tabela 4.

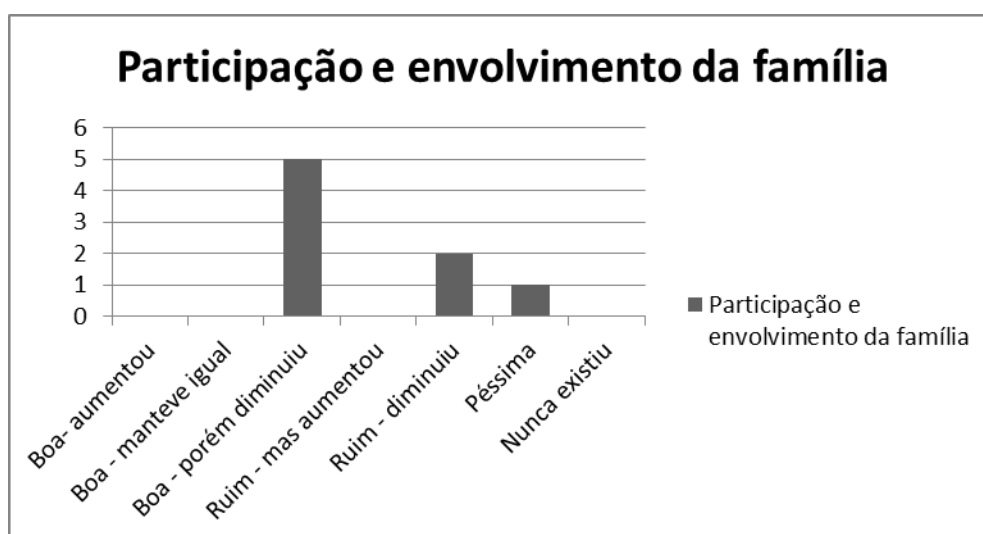


Tabela 4 – Participação e envolvimento da família.

Outra questão também feita foi: quais as maiores dificuldades enfrentadas na atuação com os estudantes PAEE nesse período?

A realidade é composta de inúmeros desafios e os docentes sinalizaram como aspectos que mais dificultaram foram: atividades não individualizadas; desenvolvimento de atividades comuns ao interesse do público-alvo e a turma em geral; dificuldades de interação com os estudantes devido à falta de condições financeiras para acesso ao universo digital, seja por falta de aparelhos e/ou dados de internet que atendam a demanda das plataformas digitais e; vínculos pessoais diários, justificando que os meios sociais não substituem o abraço. Também foi apontado que além das dificuldades, familiares estabelecerem rotina de estudos, existem as questões de ordem emocional em que, todas as pessoas estão vivendo em função do isolamento social, falecimento de pessoas queridas e dificuldades financeiras.

A pandemia provocou, de início, um desconforto geral porque as rotinas tiveram que ser adaptadas. As redes, as famílias, os alunos e os professores não estavam preparados para o trabalho remoto. A particularidade dessa situação trouxe desafios e insegurança sendo que as prioridades precisaram ser discutidas e revistas. (BADIN, PEDERSETTI e SILVA, 2020, p.125).

371

Diante desses entraves com relação às rotinas de estudo, perguntou-se quais foram os benefícios e facilidades encontradas na atuação com os estudantes PAEE nesse período? Os depoimentos nessa questão foram preocupantes, porque a maioria das respostas apontou para a inexistência de benefícios e/ou facilidades. Existiu a sinalização de que há benefícios para aqueles que possuem acesso ao meio digital por manterem relação afetiva e interpessoal com professores e escola, assim como o gosto pela aprendizagem e o desenvolvimento de autonomia em algumas áreas. Adorno (2012) sinaliza que um dos mais importantes objetivos educacionais é desbarbarizar, daí,

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. (ADORNO, 2012, p.155).

Percebe-se que há uma grande ineficácia por parte das instâncias maiores para minimizar esses entraves com relação à educação remota, deixando clara a exclusão das minorias, trazendo à tona a invisibilização mais latente das pessoas com deficiências. Então, ao responderem sobre: como você avalia as condições de trabalho na pandemia? Os docentes sinalizam, quase que por unanimidade, que tem sido ruins, o que precisa ser olhado com muita atenção porque com condições de trabalho inadequadas a aprendizagem certamente será afetada.

Ouvir o que os docentes têm a dizer sobre possibilidades para melhorar a qualidade da educação ofertada é fundamental, porque são as pessoas que lidam diretamente com as políticas educacionais que podem sinalizar o que ocorre em sua implantação, seja nos sucessos como nos fracassos. Por isso, foi perguntando: quais fatores podem melhorar as condições atuais de atendimento na sua prática?

As professoras elencaram como fatores de maiores relevâncias: fornecimento de *notebook* com internet para estudantes e professores; preparo do profissional de educação, na utilização de ferramentas digitais e a melhoria do acesso as tecnologias e equipamentos para alunos e professores; apoio da Secretaria Municipal de Educação no trabalho dos professores tanto das classes regulares, Classe Especial e Sala de Recursos (AEE), ofertando materiais pedagógicos e tecnológicos adequados; parcerias multissetoriais com a saúde e a cultura para contribuir com o desenvolvimento dos estudantes; elaborar atividades mais individualizadas. As solicitações são tão triviais que é difícil crer que algo pode ser feito sem que as questões mencionadas sejam ofertadas.

É importante sinalizar que alguns docentes mencionaram os desafios psicológicos nesses tempos de pandemia, porque a quantidade de horas trabalhadas aumentou sobremaneira, tornando o desenvolvimento do trabalho docente muito cansativo e estressante. Adorno (2012, p. 12) adverte que,

O essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir. Só assim seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história aptos a interromper a barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório, do movimento de ilustração da razão.

Muitos desafios foram postos a todas as pessoas que fazem parte do movimento educacional, muitas barreiras precisaram ser transpostas e outras tantas ainda presentes nessa realidade, que com toda certeza estará presente no contexto educacional. AVA serão

cada vez mais presentes nas escolas e lares. Que seja essa realidade capaz de transformar profundamente a educação, mas que seja de forma igualitária e inclusiva.

Considerações Finais

A pandemia trouxe com ela a urgência de transformar a forma de ver a educação. O inesperado se tornou realidade e junto com ela algo que já se fazia necessário no processo ensino-aprendizagem. As colocações das professoras diante da pesquisa demonstraram a grande fragilidade diante das ferramentas tecnológicas que foram postas de forma abrupta em seus planejamentos. Estudantes e famílias também foram pegas desprevenidas e as adequações nesses espaços de aprendizagem foram muito relevantes, porque todo e qualquer momento que se vive é espaço de formação.

É indiscutível que a tecnologia está ajudando muito nesse momento de pandemia e que parte do que se implantou permanecerá, mas é preciso mencionar a falta que faz a presença física. As relações sociais, os encontros, a presença do outro é essencial para o desenvolvimento humano, então é preciso discernimento e criticidade para entender que isso salva vidas em uma situação emergencial, que pontos positivos devem ser aproveitados, mas que é uma educação que, neste momento, ainda está muito longe de ser inclusiva e plena.

Grandes são as incertezas, dificuldades e dúvidas, mas a aprendizagem de cada profissional, estudante e familiar está sendo muito significativa para a transformação da educação. É possível que estejamos em um caminho para que ela seja emancipatória, mas é preciso muita cautela para não encontrar práticas apartadas de modelos prontos, estereotipados, que visam formar pessoas acríticas.

Referências

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

BADIN, Ana Maria Andreola; PEDERSETTI, Simone; SILVA, Melissa Borges da. Educação básica em tempos de pandemia: tentativas para minimizar o impacto do distanciamento e manter o vínculo entre os alunos, as famílias e a escola. In: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Rio Grande do Sul: Cruz Alta; Ilustração, 2020.p. 123- 38.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 11/2020**, que trata de Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia.

BRASIL. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid 19. Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 01 mar. 2021.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB Fácil: leitura crítico-compreensiva**, artigo a artigo. Petrópolis, RJ: Vozes, 23 ed. 2017.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para Aprendizagem: educação inclusiva**. 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2009.

FRANCO, Liliâne Repinoski; FRANCO, Lília Sizanoski. Educação especial: reflexões sobre inclusão do estudante com deficiência em tempos de pandemia. In: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Rio Grande do Sul: Cruz Alta; Ilustração, 2020.p. 179 - 92.

KIRCHNER, Elenice Ana. Vivenciando os desafios da educação em tempos de pandemia. In: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Rio Grande do Sul: Cruz Alta; Ilustração, 2020.p. 45 - 54.

PEREIRA, Marcela Schild. Reinvenção pedagógica da Unisc em tempos de pandemia: um novo espaço para a educação online. **UNISC – Universidade de Santa Catarina**, Santa Catarina, 28 abr. 2020.

RAMBO, Nestor Francisco. A Educação em rede em época de pandemia e pós-pandemia: por uma vida mais solidária e de acolhimento, para as epidemias e crises se repetirem menos! In: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Rio Grande do Sul: Cruz Alta; Ilustração, 2020.p. 107- 22.

Recebido em: 18 de fevereiro de 2021.

Aprovado em: 23 de março de 2021.